

A PRECISÃO QUE SÓ TÊM QUEM “JOGA O JOGO”: O CORPO COMO SUBSÍDIO PARA COMPREENSÃO DO CAMPO ESPORTIVO

Leila Salvini ¹

Taiza Seron Kiouranis ²

Wanderley Marchi Júnior ³

Resumo: Debater o universo esportivo à luz da Teoria de Pierre Bourdieu lança-nos para infinitos desdobramentos reflexivos, cuja base está na resignificação de termos comuns a esse universo, tais como jogo, estratégias, regras, disputas. Ao observar de perto esse campo percebe-se que o jogo esportivo em muito reproduz o jogo social. Tendo em vista essa abertura, o presente trabalho se propõe a um exercício reflexivo que toma o corpo dos agentes como ponto de partida para compreensão do funcionamento do campo esportivo. Para isso, apresentamos noções preliminares sobre a teoria dos campos e em como o campo fica evidenciado nos corpos. Em seguida, direcionamos nosso olhar para a noção de *Illusio* e o sentido do jogo, e ao final, descreveremos sobre o corpo como subsídio para compreensão do campo esportivo. O trabalho aponta para três principais pontos a serem considerados ao analisarmos o campo esportivo tendo o corpo como foco principal: 1) A pré-disposição a determinada prática esportiva está intimamente ligada a relação que se tem com o próprio corpo; 2) O corpo (no sentido de capital físico) no universo esportivo é a principal ferramenta de posicionamento e reposicionamento nessa estrutura; e 3) O corpo que adentra e se reposiciona na estrutura do campo esportivo é um corpo que compreendeu as regras do jogo e as incorporou, por isso suas ações são dotadas de sentido de jogo.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Corpo; Esporte; Campo Esportivo; Capital Corporal.

The precision that only those who “play the game” have: The body as a subsidy for understanding the sports field

Abstract: Debating the sports universe in the light of Pierre's Theory throws us into infinite reflective developments, based on the reframing of terms common to this universe, such as game, strategies, rules, disputes. When observing this field up close, one realizes that the sports game largely reproduces the social game. In view of this opening, the present work proposes a reflexive exercise that takes the agents' bodies as a starting point to understand the functioning of the sports field. For this, we present preliminary notions about the theory of fields and how the field is evidenced in bodies. Then, we direct our look to the notion of *Illusio* and the sense of the game, and at the end, we will describe about the body as a subsidy for understanding the sports field. The work points to three main points to be considered when analyzing the sports field with the body as the main focus: 1) The predisposition to a particular sports practice is closely linked to the relationship one has with the body itself; 2) The body (in the sense of physical capital) in the sports universe is the main tool for positioning and repositioning in this structure; and 3) The body that enters and repositions itself in the structure of the sports field is a body that understood the rules of the game and incorporated them, so its actions are endowed with a sense of play.

Keywords: Pierre Bourdieu; Body; Sport; Sports Field; Corporal Capital.

¹ Doutora e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná na linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: leila.salvini@gmail.com

² Possui doutorado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná/UFPR (2017). cursou mestrado e graduação/licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá/UEM (2011 e 2005). E-mail: taizaseron@hotmail.com

³ Graduação em Educação Física e Técnico Desportivo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1987), mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e pós-doutorado em Sociologia do Esporte pela West Virginia University/USA (2012). E-mail: marchijr@gmail.com

INTRODUÇÃO

Jogo, estratégias, regras, disputas, sem dúvidas, são termos muito comuns ao universo esportivo. No entanto, se nos dedicarmos ao entendimento dos elementos teóricos propostos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, é possível perceber que tais termos geram infinitos desdobramentos reflexivos. Trazem luz e compreensão para o jogo esportivo, que em muito reproduz o jogo social. Mesmo não sendo considerado um sociólogo do esporte e tendo se autointitulado como como “amador” ao falar sobre as práticas esportivas, solicitando aos leitores que lhe fossem “esportivos” (BOURDIEU, 1983), Bourdieu evidenciou questões importantes acerca do campo esportivo, como também, nos forneceu ferramentas de análise e de leitura do esporte em sua conotação moderna ou atual (BOURDIEU, 1983, 2004a).

Considerando o esporte como um campo, Bourdieu (1983, p. 137) deixa clara a relativa autonomia característica desse espaço, alegando que a história do esporte é uma história relativamente autônoma e que, “mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”. Há, ainda, nesse espaço, uma série de modalidades e práticas estruturadas como um sistema no qual cada elemento tem valor de distinção (BOURDIEU, 2004a).

Em “Como é possível ser esportivo?”, Bourdieu (1983) descreve que o conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais diz respeito a uma oferta destinada a encontrar uma demanda. Ainda nessa esteira, o autor apresenta dois grandes questionamentos, o primeiro, diz respeito à existência de um espaço de produção dotado de uma lógica própria e de uma história própria onde se engendram os produtos esportivos. E o outro, está direcionado às condições sociais de apropriação desses produtos esportivos, nesse sentido, o autor indaga: “como se produz a demanda dos ‘produtos esportivos’, como as pessoas passam a ter o ‘gosto’ pelo esporte e justamente por um determinado esporte [...] como prática ou como espetáculo?” (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Seguindo nessa linha de reflexão, Bourdieu nos fornece subsídios para compreendermos que as principais diferenciações que ocorrem no campo

esportivo são entre o consumo e a prática e entre o amadorismo e o profissionalismo. Nesse certame polarizado de ações práticas, algumas lutas são comuns ao espaço esportivo, tais como o esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo e esporte popular, e, tendo em vista que o campo esportivo tem o corpo como sua principal ferramenta, as lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo também são travadas nesses lócus.

A legitimidade dos corpos perpassa, principalmente, a incorporação das regras de funcionamento do subcampo referente à modalidade específica a ser analisada e às “Leis gerais do campo esportivo”, as quais são comuns a praticamente todos os subcampos, desse modo, a compreensão do capital físico e corporal torna-se ferramenta indispensável para adentrar e se reposicionar nesses espaços. Ao incorporar as regras de funcionamento desse campo, dizemos que os agentes possuem o sentido do jogo.

A partir da compreensão de que o campo esportivo e seus subcampos tenham similitudes no funcionamento impressas nos corpos de seus agentes, propomos para o presente artigo um exercício reflexivo que toma o corpo dos agentes como ponto de partida para compreensão do funcionamento do campo esportivo. Em termos metodológicos, as informações aqui contidas foram baseadas exclusivamente na obra de Pierre Bourdieu, as quais estão organizadas em três momentos: o primeiro versa sobre “o campo no corpo”, em que apresentamos noções preliminares sobre a teoria dos campos e em como o campo fica evidenciado nos corpos. Em seguida, direcionamos nosso olhar para a noção de *Illusio* e o sentido do jogo, e na terceira e última parte, descreveremos sobre o corpo como subsídio para compreensão do campo esportivo.

“O CAMPO NO CORPO”: NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU

Bourdieu e Wacquant (2005) mencionam que o que é certo para os conceitos também o é para as relações, pois, ambos somente adquirem significado dentro de um sistema de relações. O pensar relacional que os autores se referem está diretamente ligado ao conceito de campo, quando explicam que pensar em termos de campo requer uma conversão total da visão habitual do

mundo social que somente se atém às coisas visíveis (BOURDIEU; WACQUANT, 2005). Essa afirmação vai ao encontro do aparato teórico-metodológico desenvolvido e proposto pelo autor, que visa dar luz às ações práticas obscurecidas pelas relações de poder e dominação.

Os campos se apresentam como espaços estruturados de posições que podem ser analisadas independente das características de seus ocupantes. Dessa forma, Bourdieu (1983) propõe que existem “leis gerais dos campos”, ou seja, leis de funcionamento invariantes que tornam a Teoria dos Campos uma teoria geral, tendo em vista que algumas características que se aprende sobre um campo pode ser aplicado em outro. Nessa engrenagem, cada vez que um campo novo é estudado, novas propriedades de um campo particular são conhecidas, criando variáveis de análise secundárias e avançando o conhecimento dos mecanismos universais dos campos.

A teoria geral dos campos, ao contrário do que possa parecer, nada deve à transferência do modo de pensamento econômico que é incitada, por Bourdieu ter reinterpretado numa perspectiva relacional a análise de Weber, que aplicava à religião certo número de conceitos retirados da economia (como concorrência, monopólio, oferta, procura, etc.). Dessa forma, a teoria geral da economia dos campos nos permite identificar a forma específica que cada mecanismo e conceito (capital, investimento, ganho) atuam ou revestem cada campo, evitando assim, o reducionismo e a padronização.

Um campo se define, entre outras coisas, pela definição dos objetos de disputa. Conseqüentemente, para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo. A ideia de jogo proporciona uma primeira compreensão de campo, embora o autor ressalve que o campo não seja o produto de uma criação deliberada e suas regras nem sempre são explícitas ou codificadas. O que está em jogo é o produto da competência entre os jogadores, que por sua vez são admitidos no jogo, se opõem uns aos outros, algumas vezes com ferocidade, e só na medida em que coincidem na sua crença no jogo e no que se joga, atribuem um reconhecimento fora de todo questionamento, acordando por mero feito de jogar e não por meio de um contrato (BOURDIEU, 2011; BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Seguindo nessa analogia, os autores descrevem a existência de “cartas de triunfo”, isto é, “cartas mestras cuja força cairia segundo o jogo, assim como o valor relativo das cartas muda para cada jogo, a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, social, cultural, simbólico) varia nos diferentes campos” (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p. 151). Nesse sentido, o valor de uma espécie de capital depende da existência de um jogo, de um campo, em que tal competência possa ser utilizada.

No jogo, a posição ocupada por um agente no espaço social ou na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital vem a comandar as representações dos espaços e, conseqüentemente, as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (BOURDIEU, 2011). Nesse sentido, os jogadores poderão jogar para aumentar ou conservar seu capital e o número de fichas, sempre em conformidade com as regras tácitas e os pré-requisitos da reprodução do jogo, no entanto, também poderão ingressar nele para transformar, total ou parcialmente, as regras imanentes do jogo.

As disposições incorporadas no campo e postas em prática nesse mesmo campo conferem ao agente produtor da ação o “lucro” de saber como articular as estratégias para o jogo, o que torna seus atos “desinteressados”, como destacou Bourdieu (1983). No entanto, o mesmo autor salienta que “não existem” atos desinteressados, tendo em vista que sempre há uma razão para os agentes fazerem o que fazem. Frente a esse tipo de situação, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu (2011) também assume que existem tantas formas de interesse quanto existem diferentes campos, e que cada campo produz uma forma de interesse que ao olhar de um “outro campo”, pode parecer desinteresse. Da mesma forma, levanta a dificuldade em descrever um ato desinteressado, para que não se caia em uma visão reducionista do “interesse pelo desinteresse”.

Em se tratando dos interesses em jogo no campo, Bourdieu (2004a) é incisivo ao afirmar que não existe somente um interesse, mas sim, interesses que variam de acordo com o tempo e o lugar. Tendo em vista os espaços de jogo historicamente constituídos, o interesse é a condição de funcionamento de um campo na medida em que estimula os agentes a concorrer, rivalizar e lutar, ações que são o produto e a mola propulsora do funcionamento de um campo. Nesse

âmbito, mais do que uma escolha consciente, os agentes *caem* na sua própria prática e, quando isso ocorre, é porque o *habitus* torna-se eficiente e operante, pois encontra condições de sua eficácia, ou seja, “condições idênticas ou análogas de que ele é produto” (BOURDIEU, 2004a, p. 130).

A PRECISÃO QUE SÓ TEM QUEM “JOGA O JOGO”: NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE *ILLUSIO*

Ao caracterizar a noção de *illusio*, o autor menciona que é “estar preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena, ou para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar” (BOURDIEU, 2011, p. 139). Nesse contexto de ação Bourdieu (2011, p.141) descreve que *illusio* “é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo [...] e apenas existem para as pessoas que, presas ao jogo [...] estão prontas a morrer pelos alvos” atos que não fazem sentido ou diferença àquele que está fora ou não compreende o jogo. Dessa forma, cada campo impõe um preço de entrada: a *illusio*, que “é tanto condição quanto produto de funcionamento do campo” e o que é vivido com evidência na *illusio* parece ilusório para quem não participa dessa evidência (BOURDIEU, 2011, p. 141). Dessa forma, temos interesses pelos jogos que se assinalam como importantes para nós, pois, eles foram impostos e postos em nossas mentes e em nossos corpos.

Tendo em vista o contexto dinâmico do campo, Bourdieu (2004b) salienta que, aqueles que nasceram num campo são dotados do privilégio do inatismo, pois dominam as leis não escritas de funcionamento, leis essas que acabam por se inscreverem nos agentes, gerando o que o autor denomina de “sentido do jogo”. Pois, quanto mais os agentes compreendem o jogo, mais se ajustam a ele e mais são possuídos por ele. Nesse sistema, os nascidos no jogo podem economizar em cinismo, já que têm o jogo encarnado (BOURDIEU, 2011).

Com relação a “ter o sentido do jogo”, Bourdieu descreve que:

[...] é ter o jogo na pele; é perceber o sentido prático e futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo. Enquanto o mau jogador está sempre fora do tempo, sempre muito adiantado ou muito atrasado, o bom jogador é aquele que antecipa, que está adiante

do jogo. Como pode ele antecipar o decorrer do jogo? Ele tem as tendências imanentes do jogo no corpo, incorporadas: ele se incorpora ao jogo” (BOURDIEU, 2011, p. 144).

Essa “troca” entre o agente e o campo e o campo e o agente, pode ser compreendido por *habitus*. Para Bourdieu (2011), é por meio da experiência dóxica que atribuímos ao mundo uma crença mais profunda dos que outras crenças no sentido comum do termo, já que essa crença a que estamos tratando não é pensada objetivamente como tal. Nessa conjuntura, Bourdieu (2004a) assegura que o bom jogador é aquele que faz o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige, e isso supõe um investimento de invenções permanentes para adequar-se às situações nunca idênticas. Embora embasado pelo rol de vivências constituidoras do *habitus* e do sentido do jogo, ele não é infalível e se distribui de maneira desigual, tanto numa sociedade quanto numa equipe.

Aproximando a noção de *habitus* com a noção de campo no sentido análogo ao de jogo, Bourdieu (2004a, p. 82) compreende o *habitus* como sendo o sentido do jogo,

é o jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola.

Essa antecipação a qual o autor se refere só é possível se o agente tiver o *habitus* como o mundo social inscrito no corpo, dessa forma, o agente (enquanto *habitus*) produz uma infinidade de atos de jogo que estão inscritos em estado de possibilidades e de exigências objetivas das coações e das exigências do jogo, mesmo que não estejam reunidas num código de regras, se impõe àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las.

Bourdieu (2004a) também chama a atenção àqueles agentes “desprovidos” de sentido do jogo do campo ao qual se inscrevem. Para ele,

[...] aqueles agentes que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora

errada, com todas as consequências que se possa imaginar (BOURDIEU, 2004a, p. 29).

Considerando as informações apresentadas até o momento, a seguir trataremos desses elementos no campo esportivo, especialmente do sentido do jogo dos agentes que atuam nesse lócus.

O CORPO COMO SUBSÍDIO PARA COMPREENSÃO DO CAMPO ESPORTIVO

Ao tratar de capitais relativos ao corpo, Bourdieu utiliza distintas terminologias. A partir do espectro do capital físico (BOURDIEU, 1983), o autor está a se referir às capacidades relacionadas à *performance* esportiva, que é essencial para a manutenção dos agentes no campo esportivo. No entanto, quando se trata de capital corporal, Bourdieu (2009) o compreende como o “entrelaçamento” de outros capitais impressos e materializados nos corpos dos agentes (relacionado ao capital cultural), como também, as habilidades físicas relacionadas às práticas esportivas que esse agente possui.

Considerando que o campo esportivo tem como uma das principais moedas de troca, tanto para a entrada como para a permanência, o capital físico, é preciso ressaltar que cada estrutura específica dentro do campo esportivo apresenta suas peculiaridades históricas de funcionamento, de disputas, de aceitações tácitas, de manipulação e de legitimação corporal dos agentes, questões que envolvem o gênero dos praticantes, e sobretudo, a relação com o corpo que cada esporte infere, salientando que, em alguns casos, por exemplo, quanto menor o contato corporal entre os praticantes, maior o senso de distinção conferido (BOURDIEU, 2009). Essa relação de distinção está intimamente relacionada à história do campo, às estruturas e práticas que foram sendo construídas, aceitas e perpetuadas (violência simbólica), por isso, podendo ser mutáveis.

Ao tratarmos de corpos legítimos, estamos nos referindo aos corpos dotados de capitais específicos suficientes para adentrarem o espaço esportivo e manterem-se nele. Além dos capitais anteriormente mencionados (econômico, social e simbólico), o campo esportivo possui um capital que adquire um sentido

próprio nesse campo, que é o capital físico (BOURDIEU, 1983) ou capital corporal (BOURDIEU, 2009). Nessa conjuntura, Wacquant (2002) aborda a noção de capital pugilístico, que é uma espécie de soma entre o capital social, simbólico e, principalmente, corporal. O capital pugilístico é formado pela educação do corpo para a prática do boxe acrescido das estratégias de relacionamentos sociais e reconhecimentos simbólicos no espaço da academia de lutas, e também, no contexto do boxe norte americano, ou mesmo, internacional.

A posseção do capital econômico é um fator decisivo para a escolha das práticas esportivas na infância e a manutenção da ação na vida adulta. Bourdieu (1983) comenta que o esporte está fundamentado em suas raízes aristocratas, de modo que práticas desinteressadas, sem um fim em si mesmas, estão atreladas as ações burguesas e distintas. Em contrapartida, aqueles esportes mais populares e desprovidos de altos graus de distinção são consumidos e praticados por uma parcela da população com menor limiar de incorporação de capitais econômico e cultural. É nesse cenário que estão localizadas as práticas esportivas que demandam maior contato físico entre os oponentes e tem o corpo como principal instrumento, como as lutas de maneira geral, mas mais especificamente àquelas em que o contato é direto como o boxe ou *Mixed Martial Arts*.

O autor acredita que um dos efeitos políticos mais decisivos advindos dos esportes foi a separação entre os profissionais e os leigos, os quais podem ser compreendidos como consumidores esportivos. Tal separação também pode ser observada por meio da passagem do esporte como prática de elite, reservada aos amadores para o esporte espetáculo, produzido por profissionais e destinado – de modo geral – ao consumo das massas. Essa separação é mencionada em suas reflexões sobre o campo esportivo no livro *Questões de Sociologia*, quando evidencia sua posição de amador ao iniciar a escrita sobre o esporte. Nesse cenário de dualismos, Bourdieu (1983) observa que a carreira esportiva apresenta-se como uma das poucas vias de ascensão social às camadas populares, ao passo que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia, a menos que seja um esporte considerado distinto, tal como o tênis e o golf.

A expectativa ou a efetivação de mobilidade social por meio do esporte foi investigada no Brasil, principalmente, no cenário do futebol (DAMO, 2005;

RIAL, 2008; SOARES et al., 2011). Em um contexto onde os pais apresentam baixa escolaridade e também baixo poder aquisitivo, a carreira esportiva do filho passa a ser um projeto de ascensão social da família (SOARES et al., 2011). Tendo como base o campo esportivo e sua organização estrutural, dois elementos importantes são identificados nessas informações: o futebol como modalidade dominante e a invisibilidade das mulheres esportistas.

Além da separação entre profissionais e amadores, Bourdieu (2004a) identifica que no mesmo sentido ocorre a separação entre esporte comum e o esporte espetáculo, processo identificado também em outros campos, como o campo da dança, onde “a constituição progressiva de um campo relativamente autônomo reservado a profissionais é acompanhada de uma despossessão dos leigos” (BOURDIEU, 2004a, p. 217). A nova lógica organizacional dos profissionais no campo esportivo relega os não-profissionais⁴ à categoria de público. Esse público consumidor pode ser dotado ou desprovido de competências esportivas práticas, no entanto, ressaltamos que com a popularização dos meios de comunicação e a facilidade de acesso à notícia através da internet, cada vez mais os consumidores esportivos são desprovidos de competências práticas, e por esse motivo, se atentam aos aspectos extrínsecos a ela, como o resultado e a vitória (BOURDIEU, 2004a).

Atualmente, com a instantaneidade e a interatividade proporcionada pela internet, as matérias postadas em *websites* recebem o *feedback* dos leitores quase que imediatamente. Em se tratando do esporte, de maneira mais exacerbada ainda, pois, muitos consumidores esportivos têm incorporado o que escritor e ensaísta italiano Umberto Eco (1984) denomina de “falação esportiva”. Marques (2002) comenta que a falação é a possibilidade que o falante tem de compreender tudo, sem qualquer apropriação prática do esporte.

A influência mútua entre o campo esportivo e o campo midiático promovem ações práticas com esse formato – de falação – que podem ser visualizadas em *websites* esportivos ou em redes sociais diariamente, onde

⁴ Ressaltamos aqui que ao mencionar os profissionais do campo esportivo, estamos nos referindo ao conjunto de agentes e instituições que se ocupam de atividades que envolvem a produção de bens e serviços esportivos.

muitas vezes determinado(a) atleta sofre críticas que vão além do seu desempenho esportivo. A troca instantânea de informações virtuais entre os escritores de determinada matéria e seus leitores/consumidores, promovem diversos debates polêmicos, como evidenciaram Grespan e Goellner (2014).

O corpo é a “peça-chave” para o entendimento das relações travadas dentro do campo esportivo, pois, é nele que estão impressas mais do que as modificações na estrutura fisiológica pelo desenho das formas ou pela hipertrofia dos músculos. É no corpo que estão impressas as ordens sociais e hierárquicas de cada modalidade, e também, de cada gênero. É pelo corpo que aprendemos aqueles ensinamentos que somente “ouvindo” não nos fazem sentido, ainda mais quando se trata de esportes e do processo de ensino e aprendizagem de uma modalidade.

Bourdieu (2004a) elucida que esse processo acontece por meio de uma comunicação silenciosa, pois a prática ocorre com o corpo. O autor compreende que a pedagogia esportiva é um terreno fértil para colocar um problema que normalmente é exposto no campo da política, “o problema da tomada de consciência” (p. 219). Pois, existe uma infinidade de coisas que compreendemos somente com o nosso corpo, algo que vai além da consciência ou das palavras, descrições que se aproximam da noção de crença.

Nessa esteira, Bourdieu (2007) afirma que o conhecimento pelo corpo garante ao agente uma compreensão prática do mundo, no qual, o corpo é sujeito de um processo de socialização que tem como produto uma individualidade singular que só existe forjada nas e pelas relações sociais. Assim, na relação com o mundo, que ocorre no sentido de pertencer e de ser possuído por ele, o autor elucida que o grau de pertencimento ou investimento de um agente nessa relação pode ser mensurado pelas modificações corporais, que não são estanques, mas sim, dinâmicas.

Sendo o corpo elemento central para a compreensão da teoria *bourdieusiana*⁵ (MEDEIROS, 2011; MONTAGNER, 2006) e fundamental na prática esportiva, diversas analogias com os esportes são tecidas por Bourdieu a

⁵ Uma trajetória histórica de escritos de Bourdieu sobre o corpo pode ser consultada em artigo escrito por Medeiros (2011).

fim de ilustrar ações do mundo social. Quando se trata do aprendizado pelo corpo, Bourdieu (2007, p. 176) cita que

Ao contrário dos mundos escolásticos, certos universos como o do esporte, da música ou da dança, requerem um envolvimento prático do corpo, logo uma mobilização da “inteligência” corporal, capaz de determinar uma transformação, e até uma inversão das hierarquias ordinárias.

A escolha de uma prática esportiva está intimamente ligada à relação que o agente estabelece com o próprio corpo, e conseqüentemente, com as modalidades esportivas que vem a praticar ou a consumir. Além de qualquer busca de distinção é na relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que as classes privilegiadas se distinguem das classes populares (BOURDIEU, 1983).

Os lucros proporcionados pelas práticas esportivas têm recepções desiguais conforme a classe social (BOURDIEU, 2009), nesse sentido, o autor alerta que não é por acaso que os levantadores de peso foram por muito tempo um espetáculo tipicamente popular, ou ainda, que a demora no reconhecimento do halterofilismo pelas autoridades olímpicas, muito possivelmente se deveu ao vínculo desse tipo de esporte à “força pura, brutalidade e a indiligência intelectual, ou seja, as classes populares” (BOURDIEU, 1983, p. 149). Se concatenarmos essas características ao histórico das práticas esportivas das mulheres, fica evidenciado o porquê de o boxe feminino ter sido incluído como esporte olímpico somente em 2012, em Londres.

Por ser uma espécie de *mimesis* da vida social, ou da posição que o agente ocupa no espaço social, as práticas esportivas reproduzem valores e ações comuns aquelas já desenvolvidas em outros espaços, tais como a submissão e docilidade, ou mesmo, a agressividade ou a liderança. A preocupação com a distinção, com a falta de gosto e a relação com o próprio corpo, afastam agentes das classes dominantes de práticas esportivas como o boxe ou a luta livre, ou ainda, qualquer outra modalidade que exponha seus corpos desnudos, que exija força e intenso contato físico com o oponente (BOURDIEU, 1983, 2009).

Bourdieu (1983, p. 151) justifica tal afirmação alegando que os valores em jogo, tais como a exaltação da competição e das virtudes exigidas, força,

resistência, disposição à violência, espírito de sacrifício de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, “é uma antítese perfeita da distância em relação ao papel que os papéis burgueses implicam”. No entanto, tais características não impedem que não praticantes mercantilizem e espetacularizem determinada modalidade esportiva, conferindo-lhe uma nova roupagem, ao ponto que agentes detentores de capital econômico e simbólico sejam o “novo” público de consumidores, e conseqüentemente, instiguem outras parcelas com menor capital econômico a consumirem.

As variações de práticas esportivas, segundo as classes, referem-se à variação da percepção e da apreciação das vantagens quanto as variações dos custos econômicos, culturais e corporais. No entanto, precisamos nos atentar que os agentes conferem propriedades a diferentes objetos de acordo com seus esquemas de apreciação, ou seus *habitus*, e dessa forma, não podemos supor que os praticantes de um mesmo esporte lhe confirmam o mesmo sentido e esperam da prática os mesmos ganhos (BOURDIEU, 2009). Se focarmos nos praticantes de uma modalidade de luta, arte marcial ou esporte de combate, muito provavelmente, encontraremos uma maioria de praticantes amadores, que buscam essa modalidade por pré-disposições de seus *habitus*, mas que não almejam fazer dela sua profissão. A diferença na forma de encarar a prática (amadora ou profissional) é que organiza e orienta a relação do agente com seu corpo.

Além da relação com o corpo que determinada modalidade esportiva confere, Bourdieu (2009) cita outras características que devem ser consideradas ao analisarmos as práticas esportivas, como o tempo de prática (se pratica desde tenra idade ou iniciou a prática na vida adulta); o espaço físico onde é praticado; a utilização de instrumentos; e a frequência com que essa modalidade esportiva é praticada (se ocasionalmente, semanalmente ou em períodos de férias). Ainda nessa linha de raciocínio, o autor argumenta que a probabilidade de praticar diferentes esportes depende inicialmente do capital econômico do agente, e em seguida, do capital cultural e do tempo livre. O capital físico não aparece como determinante na escolha dessas práticas, no entanto, se apresenta quando se trata de esportes “populares”, mais praticados durante a juventude, e que ao longo dos anos são abandonados pelos seus praticantes. Ao contrário, estão os esportes

“burgueses”, que são praticados para a manutenção física e também social, sua prática se estende para além da juventude, principalmente se forem dotadas de prestígio e exclusividade, tal qual o golfe (BOURDIEU, 1983, 2004a, 2009).

Como já mencionamos, é o estilo de vida que fundamenta a relação de um agente com seu próprio corpo, e essa relação, por sua vez, orienta as escolhas de práticas sociais e esportivas. Em se tratando de estilo de vida, Bourdieu (1983, 2009) evidencia o modo instrumental que as classes mais populares estabelecem com o corpo e exprimem em todas as práticas que têm o corpo com objeto ou questão de disputas, tais como o “regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe)” (BOURDIEU, 1983, p. 151).

De maneira oposta, as classes mais privilegiadas à “estilização da vida” tendem a se relacionar com o próprio corpo com vistas a atender as prerrogativas higienistas de cuidado e aparência dos corpos, somado ao rigor das dietas e o treinamento pelo treinamento, tendo a estética corporal como fim. Para essa classe, a prática esportiva é vislumbrada como um meio promotor de encontros e sociabilidade, pois reforça a manutenção ou mesmo a ampliação do capital social (BOURDIEU, 2009).

Tomando como pressuposto a prática esportiva como um ato desinteressado (BOURDIEU, 2011) para determinados extratos sociais, podemos “ver além” da prática por si só, mas também, enfocarmos no “utilitarismo desinteressado” promovido pelas ações práticas no campo esportivo, que por sua vez, refletem no angariamento de capitais tão importantes, ou mais, do que aqueles adquiridos em outros campos.

Em contrapartida, os agentes que demonstram interesse de intervenção no campo, experimentam um estado de disputas que especificamente no campo esportivo recai sob a luta pela transformação na oferta e na demanda de práticas esportivas, sejam elas antigas, remodeladas ou inventadas. Essas novas práticas fomentam também, novas disputas, a começar pela legitimidade da prática e pela clientela; lutas entre diferentes esportes para o remanejamento na posição que ocupam no campo esportivo e no interior de cada esporte; lutas entre as diferentes escolas ou tradições; e, entre diferentes categorias e agentes

dominantes de cada setor. Essas características ressaltam as disputas vinculadas às tentativas de transformação na oferta, quando voltamos nosso olhar para as transformações na demanda de consumidores, as transformações que devem ocorrer na dimensão dos estilos de vida (BOURDIEU, 1983).

Nesse contexto, a oferta está vinculada a um programa de práticas esportivas caracterizadas por suas propriedades técnicas e por suas relações estruturais. Bourdieu (2004a) assinala que a oferta, quando vinculada ao capital social, favorece o aparecimento de praticantes modais. No entanto, quando o autor trata de elementos relacionados à procura, aborda questões sobre as disposições iniciais que aproximam um determinado agente da prática, o *habitus*.

Em se tratando de modalidades esportivas, grupos específicos assumem disposições muito semelhantes em um contexto esportivo, como por exemplo, podemos falar da formação de um *habitus* do futebol feminino na cidade de Curitiba – Brasil (SALVINI, 2012) ou ainda, de um *habitus* pugilístico forjado em um gueto na cidade de Chicago – Estado Unidos (WACQUANT, 2002). As especificidades de um *habitus* esportivo dizem respeito ao contexto histórico e a posição que determinada modalidade ocupa no espaço esportivo do país. Quando Wacquant (2002) identifica a constituição de disposições específicas para a ação no espaço do *gym*, identifica também a existência de um *habitus* compartilhado pelos frequentadores daquele espaço.

O *habitus* incorporado e materializado no corpo do lutador de boxe profissional e suas caracterizações, a forma de se portar, agir, comer e respeitar aquele espaço de treinamento do corpo – da mente e da alma – foram descritas e categorizadas por Wacquant (2002). Após inúmeras conversas do pesquisador com pugilistas, três imagens retratam o corpo do lutador: uma máquina, uma arma e uma ferramenta. “E, em todos os casos, esse corpo merece dedicação e atenção, e requer um incessante “trabalho de manutenção” que é quase um autêntico culto profano” (WACQUANT, 1998, p. 75).

Wacquant (1998, 2002) alega que a metáfora mais utilizada tanto pelos lutadores como pelos técnicos, para falar de seus corpos é a de uma máquina ou um motor que precisa ser regulado, alimentado com o combustível certo, cuidado de maneira adequada, ter seus filtros limpos e peças verificadas constantemente. Nesse sentido, o automóvel é o análogo preferido. Uma segunda etapa de

metáforas se aproxima de imagens militares, como armas e armaria. O autor justifica que o corpo do pugilista “é ao mesmo tempo sua arma de ataque e sua única proteção contra os golpes desferidos por seu oponente” (WACQUANT, 1998, p. 77), por esse motivo, os lutadores gostam de se retratarem como os guerreiros dos dias de hoje.

A terceira imagem corporal identificada por Wacquant (1998, p. 78) diz respeito à ideia de ferramenta, que retrata “um instrumento de trabalho que deve ser continuamente readaptado à finalidade indicada”. Com base em relatos dos lutadores, o autor ressalta que assim como uma máquina ou uma arma, o corpo ferramenta também deve ser usado e mantido de maneira adequada, para que não se torne ineficaz, perdendo seu valor. Chamamos a atenção para a relação instrumental que se estabelece ente o lutador e o seu corpo, que muitas vezes é utilizado como uma possibilidade de angariamento de fins monetários, mas nem por isso a preocupação de ordem estética é excluída. Wacquant (1998, p. 79) relata que “os lutadores querem parecer elegantes, bem arrumados e ‘durões”.

A representação de alguns elementos que reforcem a normatividade do ser homem é evidenciada no contexto do *gym*⁶, que estava localizado num gueto da cidade de Chicago e que foi investigado por Wacquant nos anos 1990. No decorrer da história dos esportes, muitas modalidades reforçaram atributos ou características da normatividade feminina ou masculina, apesar disso, atualmente, as mulheres adentraram espaços esportivos muito semelhantes ao do *gym*, elas profissionalizaram-se em esportes de luta, mas ainda galgam legitimidade, ou seja, estão no espaço esportivo que antes lhes era restrito, mas ocupando, muitas vezes, posições às margens (SALVINI, 2017).

Considerações finais

Temos como premissa que, para além dos capitais econômico, social, cultural e simbólico, o campo esportivo envolve estruturas e práticas que lidam com a natureza, a dinâmica e a inter-relação entre os capitais físico e corporal. O

⁶ Wacquant (1998) em seu livro *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, aborda o *gym* como o local em que acontecem os treinos de boxe e grande parte da sociabilidade entre os lutadores e treinadores. É um espaço que forja além dos corpos para a luta, a constituição de um *habitus* pugilístico.

corpo e a *performance* no centro do debate do campo esportivo potencializam o agente/esportista, uma vez que este se torna o depositário dos lucros, quando investe em seu próprio corpo para poder estar “no jogo”.

Nesse sentido, sugerimos três principais pontos a serem considerados ao analisarmos o campo esportivo tendo o corpo como foco principal: 1) **A pré-disposição a determinada prática esportiva está intimamente ligada a relação que se tem com o próprio corpo**, com a dor causada pelo esforço físico extenuante e pela disciplina necessária na manutenção da prática; 2) **O corpo (no sentido de capital físico) no universo esportivo é a principal ferramenta de posicionamento e reposicionamento nessa estrutura**, funciona ainda mais quando agregado ao capital social e econômico e em alinhamento com as representações de gênero socialmente esperadas; e 3) O corpo que adentra e busca se reposicionar na estrutura do campo esportivo é um **corpo que compreendeu as regras do jogo e as incorporou**, de forma que suas ações sejam dotadas de **sentido de jogo**.

Essas três dimensões devem ser cuidadosamente analisadas no contexto de cada subcampo/modalidade. Para isso, é fundamental compreender as características e funcionamentos desses espaços sociais desde seu percurso histórico, a posição ocupada no campo esportivo, as disputas e leis de funcionamento e, principalmente, o espaço social onde está inserido/a, visando enxergar as dicotomias aparentemente esportivas/corporais (profissional x amador; forte x fraco) como frutos de uma relação mais ampla com um determinado mundo físico e social.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice.; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2004b. p. 73–79.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 2011.

BOURDIEU, Pierre.; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealdade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GRESPLAN, Carla Lisboa.; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon fox: um corpo queer no octógono. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 20, n. 4, p. 1265–1282, 2014.

MARQUES, José Carlos. **A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**2002

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 281–300, 2011.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 515–526, 2006.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o velho mundo do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SALVINI, Leila. **A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a construção de um habitus do Mixed Martial Arts em mulheres lutadoras**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 4, p. 905–921, 2011.

WACQUANT, Loic. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (Ed.). . **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998. p. 73–96.

WACQUANT, Loic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.